

Juan Reinaldo Sánchez  
e Axel Gyldén

## **A Face Oculta de Fidel Castro**

Juan Reinaldo Sánchez foi guarda-costas  
de Fidel Castro durante 17 anos.  
Até hoje, ninguém se arriscou a fazer tais revelações

Tradução  
Patrícia Xavier

 Planeta

## Índice

1. Cayo Piedra, a ilha paradisíaca dos Castro. . . . .	11
2. Eu, Juan Sánchez, guarda-costas de Fidel . . . . .	27
3. A dinastia Castro. . . . .	47
4. A escolta: a sua verdadeira família. . . . .	69
5. Guerrilheiros de todos os países, uni-vos! . . . . .	91
6. Nicarágua, a outra revolução de Fidel . . . . .	109
7. Fidel em Moscovo, Sánchez em Estocolmo . . . . .	121
8. O clã de Raúl . . . . .	129
9. A mania dos registos. . . . .	141
10. A obsessão venezuelana. . . . .	157
11. Fidel e os tiranos de opereta . . . . .	167
12. A fortuna do monarca . . . . .	179
13. À beira da morte . . . . .	189
14. Fidel, Angola e a arte da guerra . . . . .	199
15. O caso Ochoa. . . . .	207
16. A prisão e... a liberdade! . . . . .	221



À minha mãe, a luz da minha vida,  
modelo de humildade e dedicação.  
Aos meus filhos, Aliette e Ernesto.  
À mãe deles, que tantas vezes desempenhou  
também o papel de pai, na minha ausência.  
Ao meu tio Manuel, esse «pai» que me  
transmitiu valores éticos extraordinários.  
Aos meus avós, Angela e Crespo,  
anjos-da-guarda cuja presença continuo  
a sentir.  
Aos meus netos, ao meu irmão e a todos  
os que me ampararam nos momentos  
difíceis. Que Deus os abençoe a todos.



## Cayo Piedra, a ilha paradisíaca dos Castro

O iate de Fidel Castro navega no mar das Caraíbas. Partimos há apenas dez minutos e já golfinhos brancos nos acompanham através das ondas azul-petróleo da costa meridional de Cuba. Um grupo de nove ou dez mamíferos chapinha a estibordo, rente ao casco; um outro grupo de cetáceos nada na nossa esteira, uns 30 m a bombordo. Lembra a escolta motorizada de um chefe de Estado em visita oficial...

– Vieram render-te: já podes ir descansar – digo a Gabriel Gallegos, indicando a multidão de barbatanas dorsais que rasgam a superfície da água a toda a velocidade.

A piada faz o meu colega sorrir. Todavia, passados três minutos, os imprevisíveis animais mudam de rumo, afastam-se e desaparecem no horizonte.

– Ainda agora chegaram e já estão de partida! Que falta de profissionalismo... – brinca, por sua vez, Gabriel.

No que toca a profissionalismo, ambos sabemos do assunto. Eu e Gabriel entramos para a segurança pessoal do Comandante há treze anos. Em 1977. Ora, em Cuba, nada é tão profissional, tão treinado e tão importante como a protecção do chefe de Estado. Qualquer saída de barco de Fidel, nem que apenas para pescar ou fazer caça submarina, mobiliza um impressionante dispositivo de defesa militar. Assim, o *Aquarama II* – este é o nome do iate de Fidel Castro – é sistematicamente escoltado pela *Pionera I* e pela *Pionera II*, duas possantes vedetas

de 17 m, quase idênticas, estando uma delas equipada como uma clínica, para o caso de o Comandante sofrer alguma complicação de saúde.

Dez membros da guarda pessoal de Fidel, o corpo de elite ao qual pertencem, dividem-se por estas três embarcações – em terra, dividimo-nos por três automóveis. Os três navios estão equipados com pesadas metralhadoras e aprovisionados de granadas, espingardas *Kalachnikov AK-47* e munições, de modo a enfrentar qualquer eventualidade. Não há dúvida de que, desde o início da Revolução Cubana, Fidel Castro vive sob a ameaça de atentados: a CIA admitiu ter contemplado centenas, recorrendo a venenos, canetas ou charutos armadilhados...

Por perto, mais ao largo, um navio-patrolha da guarda-costeira também se encontra mobilizado, garantindo a vigilância por radar, marítima e aérea, do sector. O procedimento: toda a embarcação que se aproxime a menos de três milhas marítimas do *Aquarama II* é interceptada. Também a aviação cubana tem um papel a desempenhar: na base aérea de Santa Clara, a uma centena de quilómetros, um piloto de caça com uniforme de combate encontra-se em alerta máximo, pronto a saltar para o seu *Mig-29* de fabrico soviético e a descolar em menos de dois minutos, para ir ao encontro do *Aquarama II* a uma velocidade supersónica.

Hoje está bom tempo. Não admira: estamos em pleno Verão, no ano de 1990, o trigésimo segundo do reinado de Fidel Alejandro Castro Ruz, agora com 63 anos. O Muro de Berlim ruiu no Outono passado. O presidente americano George Bush apressa-se a lançar a operação *Tempestade no Deserto*: a invasão do Iraque de Saddam Hussein. Fidel Castro, por sua vez, ruma à sua ilha privada e ultra-secreta, Cayo Piedra, a bordo da sua embarcação de luxo, a única na República de Cuba.

Trata-se de um elegante navio de casco branco, com 27,5 m de comprimento. Em serviço desde o início dos anos 70 do século xx, é uma réplica aumentada do *Aquarama I*, um elegante iate confiscado a um partidário de Fulgencio Batista –, que, como é sabido, foi derrubado a 1 de Janeiro de 1959 pela Revolução Cubana, iniciada dois anos e meio antes, na clandestinidade da Sierra Maestra, por Fidel e por seis dezenas de *barbudos*. Para além dos dois camarotes duplos, um dos quais

– o de Fidel – equipado com casa de banho privativa, o navio dispõe de capacidade de alojamento para mais doze pessoas. Os seis sofás da sala principal são convertíveis em camas. Há ainda um beliche na sala de comunicações. E o camarote reservado à tripulação, na proa, possui mais quatro camas. Como qualquer iate digno desse nome, o *Aquarama II* oferece todo o conforto moderno: ar condicionado, duas casas de banho, lavabo, televisão, bar.

Quando comparado com os brinquedos dos novos-ricos russos e sauditas que hoje em dia navegam nas Antilhas ou no Mediterrâneo, o *Aquarama II*, apesar do bonito efeito que lhe confere a pátina, ou do seu aspecto *vintage*, pode parecer fora de moda. Mas nas décadas de 1970, 1980 e 1990, esta luxuosa embarcação, inteiramente decorada com madeiras raras importadas de Angola, nada tinha a invejar às que se viam nas marinas das Bahamas ou de Saint-Tropez.

Além do mais, no que se refere a potência, é-lhes bastante superior. Os seus quatro motores, oferecidos por Leonid Brejnev a Fidel Castro, são, com efeito, idênticos aos dos navios-patrolha da marinha soviética. Na sua máxima potência, levam o *Aquarama II* à fenomenal velocidade de 42 nós, isto é, 78 km por hora! Imbatível.

Em Cuba, ninguém, ou quase ninguém, sabe da existência deste iate, cujo porto de matrícula fica situado numa enseada invisível e inacessível ao comum dos mortais, na costa oriental da célebre baía dos Porcos, cerca de 150 km a sudeste de Havana. Desde os anos de 1960, é ali, no centro de uma zona militar, que se esconde a marina privada de Fidel. Neste local, designado La Caleta del Rosario e sujeito a uma vigilância rigorosa, situa-se ainda uma das numerosas residências secundárias do Comandante e, num edifício anexo, um pequeno museu pessoal consagrado aos seus troféus de pesca.

A marina fica a quarenta e cinco minutos de Cayo Piedra, a ilha paradisíaca de Fidel Castro. Já efectuei esta travessia centenas de vezes, mas o azul do céu, a água límpida e a beleza dos fundos marinhos nunca deixam de me deslumbrar. Uma vez em cada duas, aproximadamente, os golfinhos vêm saudar-nos, nadando ao nosso lado e partindo, depois, quando bem entendem.



Entre nós, o desafio é saber quem os verá primeiro; a certa altura, alguém grita: *Aquí están!* (Cá estão eles!) Muitas vezes, avistamos também pelicanos, que nos seguem desde as costas cubanas até Cayo Piedra. Gosto de observar o seu voo pesado, pouco gracioso. Para nós, membros da elite militar cubana, estes três quartos de hora de travessia constituem uma agradável pausa, pois a protecção de uma personalidade tão exigente como Fidel requer uma atenção constante e não nos dá um minuto para relaxar.

Durante toda a viagem, *El Jefe* (o *Chefe*), como lhe chamamos entre nós, permanece, normalmente, na sala principal. Tem por hábito instalar-se no seu grande sofá de presidente-executivo, revestido de pele preta, sobre o qual nenhum outro ser humano pousou, alguma vez, o traseiro. No ambiente abafado desta sala de estar, um copo de *whisky Chivas Regal on the rocks* na mão (a sua bebida preferida), Fidel debruça-se sobre os relatórios do serviço de informações, analisa minuciosamente os artigos da imprensa internacional coligidos pelo seu gabinete, examina a selecção dos cabogramas das agências France-Presse, Associated Press, Reuters.

*El Jefe* aproveita igualmente para discutir questões correntes com José Naranjo, fiel ajudante-de-campo, conhecido como *Pepín*, que partilhou todos os momentos da sua vida profissional, até ter morrido de cancro, em 1995<sup>1</sup>. Dalia também lá se encontra, claro. Mãe de cinco dos nove filhos de Fidel, Dalia Soto del Valle é a mulher que partilhou secretamente a vida do Comandante desde 1961... mas de cuja existência os cubanos só vieram a saber nos primeiros anos do século XXI! Por fim, o Prof. Eugenio Selman, médico pessoal de Fidel até 2010, em quem *El Comandante* aprecia tanto a competência como a conversa política. A principal função deste homem elegante, atencioso e unanimemente respeitado consiste, evidentemente, em zelar pela saúde do Chefe. Mas o médico pessoal de Fidel presta igualmente cuidados a todos os seus próximos.

---

<sup>1</sup> Foi, então, substituído por Carlos Lage, que viria a tornar-se vice-presidente do Conselho de Ministros e do Conselho de Estado, até ser destituído em 2009.

Raramente um convidado – empresário ou chefe de Estado – se encontra a bordo. Mas pode acontecer. Se for o caso, *El Comandante* leva-o para a coberta superior, de onde se pode admirar as costas cubanas, em particular a baía dos Porcos, que ainda agora deixámos. À medida que o *Aquarama II* se afasta da costa, Fidel, excelente contador de histórias, narra ao seu convidado, *in situ*, as horas trágicas do desembarque nesta baía, que desde então ficou célebre. Da coberta da popa, vemo-lo lançar-se em grandes explicações, gesticulando muito e apontando diferentes lugares desta região pantanosa, infestada de mosquitos. O mestre providencia ao seu aluno do momento uma aula de história em cenário real.

– Está a ver, ali, ao fundo da baía, é Playa Larga! E ali, à entrada oriental da baía, Playa Girón! Foi aqui que, no dia 17 de Abril de 1961, precisamente à 1 h 15 m, o contingente de 1500 exilados cubanos treinados pela CIA desembarcou, na tentativa de invadir e vencer a pátria, para dela se apoderar. Mas, aqui, ninguém se rende! E ao fim de três dias de uma resistência popular heróica, os invasores foram obrigados a recuar para Playa Girón. E a render-se.

Planeada no mandato de Dwight Eisenhower e lançada pouco depois de John F. Kennedy ter chegado ao poder, a operação saldou-se, com efeito, por um desastre completo: 1200 membros do corpo expedicionário foram feitos prisioneiros e 118 perderam a vida. Do lado castrista, contaram-se 176 mortos e várias centenas de feridos. Uma humilhação profunda para Washington. Pela primeira vez na sua história, o «imperialismo americano» experimentou uma dura derrota militar, enquanto, na cena internacional, Fidel Castro se impunha como líder incontestado do Terceiro Mundo. A partir de então abertamente aliado à URSS, lidava de igual para igual com as grandes potências.

Na coberta superior banhada pelo sol, o convidado de Fidel escuta religiosamente aquele que é, inquestionavelmente, um actor da História com «H» maiúsculo. Subjugado, tem a sensação de reviver a batalha em directo. Não há dúvida de que guardará toda a vida a recordação daquelas poucas horas de férias no iate de Fidel Castro. Em seguida,

os dois homens regressam à sala, juntando-se a Dalia e ao Prof. Eugenio Selman. Mas já o capitão do *Aquarama II* reduz a velocidade e a água é agora de um verde-esmeralda: aproximamo-nos de Cayo Piedra.



Por ironia da história, Fidel Castro deve, indirectamente, a descoberta deste lugar de veraneio à invasão ianque ordenada por JFK.

Naqueles dias de Abril que se seguiram ao desembarque falhado na baía dos Porcos, Fidel explora a região, onde encontra um pescador local que toda a gente conhece por *el viejo* Finalé. Pede, então, ao «velho Finalé» que lhe mostre as redondezas. Sem demora, o pescador de cara enrugada leva-o no seu barco de pesca até Cayo Piedra, uma pequena «jóia» situada a 15 km da costa, conhecida apenas pelos autóctones. Na época, só lá vivia um faroleiro, como eremita. Fidel apaixonou-se de imediato por este lugar de beleza selvagem, digno de Robinson Crusoe. É pedido ao faroleiro que abandone o local e o farol deixa de funcionar, acabando por ser desmontado.

Em Cuba, o termo *cayo* designa uma ilha plana e arenosa, frequentemente estreita e comprida. As costas cubanas têm milhares destas ilhas. Muitas são hoje em dia frequentadas por turistas, apreciadores de mergulho. A ilha de Fidel estende-se por quilómetro e meio, descrevendo um ligeiro arco com orientação norte-sul. A leste, a costa rochosa está voltada para o largo, para as águas profundas de um azul-petróleo. A oeste, a costa de areia fina encontra-se abrigada do vento, banhada por um mar turquesa. É um lugar paradisíaco, rodeado de prodigiosos fundos marinhos. No seu todo, encontra-se quase intacto, idêntico ao que era no tempo das grandes descobertas dos exploradores europeus. Quem sabe se piratas não terão ali escondido, ou pensado esconder, um tesouro?

Em rigor, Cayo Piedra não designa uma ilha, mas duas: esta faixa de terra foi, certo dia, dividida em duas pela passagem de um ciclone. Mas Fidel remediou o problema: mandou construir uma ponte de 215 km entre as duas partes de Cayo Piedra, tendo contado com o talento do

arquitecto Osmany Cienfuegos, irmão do herói da revolução castrista Camilo Cienfuegos. A ilha a sul, ligeiramente maior que a outra, constitui o elemento principal, onde o casal Castro construiu a sua casa, no lugar do antigo farol. É uma construção de cimento térrea, em quadrado, com um terraço no lado leste, com vista para o largo.

Trata-se de uma habitação funcional, desprovida de luxo ostentador. Para além do quarto de Fidel e de Dalia, há um quarto-dormitório para as crianças, uma cozinha e uma sala de jantar. A sala dá para um terraço com vista de mar e os móveis, de madeira, são de fabrico simples; nas paredes, quase todos os quadros, desenhos ou fotografias representam cenas de pesca ou paisagens submarinas.

Das portas envidraçadas desta divisão, à direita, avista-se o heliporto. Um pouco mais longe, a uma centena de metros, fica a casa que nos é destinada a nós, os guarda-costas de Fidel. Diante desta, ergue-se o edifício de guarnição que aloja o resto do pessoal: cozinheiros, mecânicos, electricistas, operadores de rádio e a dezena de soldados armados permanentemente estacionada em Cayo Piedra. Um pouco mais longe ainda encontra-se um depósito de combustível, uma reserva de água doce (trazida para a ilha por barco) e uma minicentral eléctrica.

A oeste, de frente para o pôr do Sol, os Castro mandaram construir um embarcadouro com 60 metros. Este cais fica abaixo da casa, na pequena praia de areia fina que ladeia o interior do *cayo* em forma de arco. De modo a permitir a acostagem do *Aquarama II* e das vedetas *Pionera I e II*, Fidel e Dalia mandaram ainda abrir um canal com 1 km, sem o qual as embarcações com calado de 2,5 m não poderiam aproximar-se da ilha cercada de bancos de areia.

Este embarcadouro constitui o epicentro da vida social de Cayo Piedra. Foi-lhe acrescentado um pontão flutuante, com 15 m de comprimento, sobre o qual se construiu um restaurante com bar e churrasco. É aqui que têm lugar quase todas as refeições da família... quando não são servidas a bordo do iate. Deste restaurante-bar flutuante, é possível admirar a reserva marinha onde, para grande alegria de adultos e crianças, se encontram retidas tartarugas (algumas delas com 1 m de

comprimento, destinadas a acabar no prato de Fidel). Do outro lado do embarcadouro, é um delphinário que anima o quotidiano, graças às brincadeiras e aos saltos de dois golfinhos que ali vivem em cativeiro.

A outra ilha, a norte, é praticamente deserta: para além de uma rampa de lançamento de mísseis terra-ar, a única construção que lá se encontra é a casa dos convidados. Maior que a do anfitrião, esta casa tem quatro quartos e uma sala espaçosa. Foi estabelecida uma linha telefónica entre as duas casas, a dos convidados e a de Fidel, que se encontram a meio quilómetro uma da outra. O trajecto entre as duas habitações é percorrido num dos dois *Volkswagen* Carocha descapotáveis de Cayo Piedra. Um jipe de fabrico soviético é, por sua vez, utilizado para o transporte de material e de mercadorias.

A casa da ilha norte dispõe de uma piscina exterior de água doce com 25 m de comprimento, bem como de um jacúzi natural. Construído nos rochedos, o jacúzi recebe água do mar através de uma espécie de aqueduto talhado na pedra, por onde a água salgada se precipita a cada nova vaga.

Toda a sua vida, Fidel repetiu que não possuía qualquer património, para além de uma modesta «cabana de pescador» algures na costa. Já se vê como a cabana de pescador se transformou num local de veraneio de luxo, que mobiliza meios logísticos consideráveis para a sua vigilância e manutenção. Há ainda a acrescentar cerca de vinte outros imóveis, a começar por Punto Cero, a sua enorme propriedade em Havana, perto do bairro das embaixadas; La Caleta del Rosario, onde se situa a sua marina privada, na baía dos Porcos; La Deseada, um chalé no coração de uma zona pantanosa da província de Pinar del Río, onde, no Inverno, Fidel pratica caça ao pato e a outras aves aquáticas. Sem esquecer todas as outras propriedades reservadas, em cada província administrativa de Cuba, ao seu uso exclusivo.

Fidel Castro também deu a entender, e por vezes afirmou, que a Revolução não lhe dava qualquer repouso, qualquer momento de lazer; que ignorava, e até desprezava, o conceito burguês de férias. Mente. De 1977 a 1994, acompanhei-o centenas e centenas de vezes ao pequeno

paraíso de Cayo Piedra. E participei noutras tantas excursões de pesca ou de caça submarina.

Na época alta, de Junho a Setembro, Fidel e Dalia passam todos os fins-de-semana em Cayo Piedra. Na estação das chuvas, pelo contrário, Fidel privilegia La Deseada. Em Agosto, os Castro instalam-se todo o mês na sua ilha de sonho. Quando um imperativo de trabalho ou a visita de uma personalidade estrangeira obriga o Comandante da Revolução a estar presente em Havana, tal não é problemático: Fidel embarca no helicóptero, que permanece estacionado em Cayo Piedra durante a sua presença na ilha. E, se for preciso, regressa no mesmo dia!

É surpreendente que, antes de mim, ninguém tenha revelado a existência de Cayo Piedra, nem descrito a ilha. Sem contar com as imagens de satélite do Google Earth (nas quais se distingue perfeitamente a casa de Fidel e a dos seus convidados, bem como o pontão, o canal e a ponte que liga as duas ilhas), não se encontra qualquer fotografia deste paraíso para multimilionários. Alguns perguntarão por que não fotografei eu próprio este lugar. A resposta é simples: um tenente-coronel do corpo de segurança encarregado da protecção de uma alta personalidade não se passeia de máquina fotográfica a tiracolo, mas com uma pistola automática à cintura! De resto, a única pessoa habilitada para imortalizar Cayo Piedra é o fotógrafo oficial de Fidel, Pablo Caballero. No entanto, como seria de esperar, Caballero empenha-se em imortalizar as actividades do Comandante, não as paisagens que o rodeiam. Aí está por que ninguém publicou, tanto quanto sei, imagens de Cayo Piedra ou do *Aquarama II*.



Em Cuba, a vida privada do Comandante é o segredo mais bem guardado da Revolução. Fidel Castro sempre se encarregou de ocultar as informações que dizem respeito à família. De tal modo que, ao fim de seis décadas, quase nada se sabe sobre a fratria Castro, que conta sete irmãos e irmãs. Herança da época em que vivia na clandestinidade,

esta compartimentação entre vida pública e privada atingiu proporções inimagináveis.

Assim, nenhum dos irmãos foi alguma vez convidado a passar férias em Cayo Piedra. É possível que Raúl, o mais próximo de Fidel, tenha estado na ilha na ausência do Comandante. Mas nunca lá me cruzei com ele. Para além da família mais íntima, isto é, Dalia e os cinco filhos que ela teve de Fidel, poucas, muito poucas, pessoas se podem orgulhar de ter visto com os seus próprios olhos a ilha misteriosa. Fidelito, o filho mais velho de Fidel, nascido de um primeiro casamento, nem cinco vezes esteve em Cayo Piedra. E Alina, a sua única filha, nascida de uma relação extraconjugal e que hoje vive em Miami, na Florida, nunca lá pôs os pés...

Pela minha parte, para além de uns quantos homens de negócios estrangeiros cujos nomes esqueci e sem contar com alguns ministros cubanos escolhidos a dedo, lembro-me apenas de lá ter visto o presidente colombiano Alfonso López Michelsen (1974-1978), que veio passar um fim-de-semana com a mulher, Cécilia, entre 1977 e 1978; o empresário francês Gérard Bourgoïn, conhecido como «o rei do frango», que visitou a ilha por volta de 1990, na época em que este presidente executivo exportava para o mundo inteiro a sua técnica de produção de aves de capoeira; o proprietário da CNN, Ted Turner; a famosa apresentadora da cadeia americana ABC Barbara Walters; e Erich Honecker, dirigente comunista da República Democrática da Alemanha (RDA) de 1976 a 1989, então um dos principais aliados de Cuba.

Nunca esquecerei a visita de vinte e quatro horas efectuada por este último a Cayo Piedra, em 1980. É ainda de referir que oito anos antes, em 1972, Fidel rebaptizara a ilha Cayo Blanco del Sur como «ilha Ernst Thälmann». E não é tudo: num gesto simbólico de amizade entre «países irmãos», oferecera à RDA este pedaço de terra desabitado, com 15 km de comprimento e 500 m de largura, situado a uma hora de navegação da sua ilha privada.

Ernst Thälmann? Foi um dirigente histórico do Partido Comunista Alemão na República de Weimar, fuzilado pelos nazis em 1944. Então, em 1980, aquando de uma visita oficial de Honecker a Cuba, o senhor

de Berlim-Leste oferece um busto de Thälmann a Fidel. Como seria lógico, este último decide instalar a obra de arte na ilha com o mesmo nome. E foi assim que assisti a esta cena alucinante, em que dois chefes de Estado desembarcam do *Aquarama II*, no meio de lugar nenhum, para inaugurar a estátua de uma personagem esquecida numa ilha deserta, tendo por únicas testemunhas iguanas e pelicanos. Segundo as últimas notícias, o enorme busto de Thälmann, com 2 m de altura, foi derrubado do seu pedestal aquando da passagem do furacão Mitch, em 1998...

Na verdade, os únicos hóspedes habituais de Cayo Piedra que não pertencem à família são Gabriel García Márquez e Antonio Núñez Jiménez. Como é sabido, o primeiro, que faleceu em 2014, passou uma boa parte da sua vida em Cuba, é, sem dúvida, o maior escritor colombiano, tendo sido distinguido com o Prémio Nobel da Literatura em 1982. O segundo, falecido em 1998, é uma figura histórica da Revolução Cubana, na qual participou com a patente de capitão e em memória da qual conservou sempre uma barba abundante. Respeitada figura intelectual, antropólogo e geógrafo, pertenceu também ao círculo muito restrito dos verdadeiros amigos de Fidel. Estes dois homens foram os principais utilizadores da casa de convidados na ilha do Comandante.



Em Cayo Piedra, o luxo não se calcula com base nos metros quadrados habitáveis nem no número de iates no ancoradouro. O tesouro da ilha são os seus fabulosos fundos marinhos. Inteiramente poupadas pelo turismo e pela pesca, as águas que rodeiam a ilha constituem um santuário ecológico incomparável. Junto à sua casa, Fidel Castro dispõe de um aquário pessoal, cuja superfície ultrapassa os 200 m<sup>2</sup>! Um parque subaquático de que nem suspeitam os milhões de cubanos e os milhões de turistas que todos os anos vêm praticar mergulho em volta dos *cayos* administrados pelo Ministério do Turismo.

À excepção do célebre comandante francês Jacques-Yves Cousteau, que veio em missão a bordo do *Calypso*, com autorização expressa de Fidel Castro, mais ninguém pôde apreciar a incrível riqueza animal



e vegetal de que o Comandante tem o usufruto. Peixe-lua, peixe-esquilo, peixe-gato, peixe-borboleta, peixe-cofre, peixe-flauta, peixe-trombeta, peixe do género *hypoplectrus*, hamlet-de-cauda-amarela, cardinal, olho-de-cão, atum, pargo, lagosta; todas as variedades que se possam imaginar de peixes amarelos, laranja, azuis ou verdes nadam ali, entre os recifes de corais vermelhos ou brancos e as algas verdes, negras, vermelhas. Golfinhos, tubarões-tigre, tubarões-martelo, espadartes, barracudas e tartarugas completam o quadro feérico deste mundo de silêncio.

Fidel Castro é um excelente mergulhador. Estou bem posicionado para o saber: durante todos aqueles anos ao seu serviço, tive por tarefa acompanhá-lo nos seus mergulhos, para praticar caça submarina. Em tais ocasiões, o principal objectivo era protegê-lo contra eventuais ataques de tubarões, de barracudas, de espadartes. Mais ainda do que as outras responsabilidades de que fui incumbido, como a organização da sua agenda ou o planeamento da segurança aquando de deslocações ao estrangeiro, estas excursões de mergulho valeram-me, estou certo, uma boa dose de inveja. Para um segurança de Fidel, não existe privilégio maior do que acompanhá-lo nas suas passeatas submarinas. E comigo, as passeatas foram muitas! Isto porque, embora aprecie o basquetebol ou a caça ao pato, o mergulho é a verdadeira paixão do Comandante. Dotado de uma capacidade torácica impressionante, Fidel (1,91 m e 95 kg) é capaz de mergulhar em apneia a 10 m de profundidade, sem qualquer problema.

Mas também tem uma forma muito pessoal de praticar caça submarina. Para a descrever, só posso compará-la às caçadas reais de Luís XV nas florestas em redor de Versalhes. De madrugada, quando o soberano ainda dorme, uma equipa de pescadores, transportada pelo «velho Finalé», parte em reconhecimento. Esta equipa tem por missão identificar lugares onde haja peixe em abundância, antecipando-se às tentativas do monarca. Depois, pela manhã, os pescadores regressam a Cayo Piedra, onde aguardam o despertar do rei, que raramente adormece antes das três da manhã. Então, o «velho Finalé» apresenta o seu relatório.

– Então, que temos hoje? – pergunta Fidel, antes de subir a bordo do *Aquarama II*.

– Comandante, hoje, os bonitos e os pargos estão a jeito. E, se tivermos sorte, também traremos lagostas.

O *Aquarama II* zarpa. A bordo, apressamo-nos com os preparativos: trazemos máscaras e tubos de respiração, enquanto Fidel se senta e afasta as pernas. Alguém se ajoelha à sua frente para lhe calçar barbatanas e luvas. Uma vez equipado, desço a escada e o Comandante segue-me. Debaixo de água, nado a seu lado, ou um pouco acima dele. A minha ferramenta de trabalho é uma espingarda pneumática que lança arpões de extremidade redonda, que fazem ricochete ao atingir o alvo. O objectivo é «esmurrar» a cabeça de tubarões ou barracudas, afugentando os que se aproximarem perigosamente de Fidel.

Mas transporto também a espingarda de caça do chefe, para que um tal peso não o estorve. Quando avista uma presa e decide fazer uso da espingarda, Fidel estende o braço na minha direcção, sem me olhar. Sei o que tenho a fazer: colocar a arma na sua mão, pronta a disparar. Fidel lança o arpão e devolve-me imediatamente a espingarda. Se o tiro falhou, rearmo a espingarda; se o alvo foi atingido, volto à superfície para depositar a presa no barco pneumático que flutua sobre nós.

Quando o monarca se dá por satisfeito, regressamos a Cayo Piedra. O ritual que se segue é imutável. As (muito numerosas) presas de Fidel são alinhadas no embarcadouro e separadas por espécies: os pargos com os pargos, as douradas com as douradas, as lagostas com as lagostas, etc. Os peixes de Dalia, que caça à parte, sob a protecção de dois nadadores de combate, são dispostos ao lado. Fidel e Dalia inspeccionam esta promessa de festim, escutando os comentários elogiosos e divertidos da equipa.

– *Comandante, es una outra pesca milagrosa!* – digo, na certeza de que vou conquistar os sorrisos do principal interessado e da assistência.

Depois, estando as brasas do churrasco vermelho-vivas, Fidel aponta os peixes que quer grelhar imediatamente; aqueles que, magnânimo, oferece à guarnição e, por fim, os que quer levar em geleiras para Havana, onde os consumirá, em sua casa, num prazo de quarenta e oito horas. Em seguida, os Castro sentam-se à mesa. Desfrutando da sombra do restaurante flutuante.

Em comparação com o modo de vida dos cubanos, esta *dolce vita* representa um privilégio desmesurado. Até porque após a queda do Muro de Berlim e o desmembramento da União Soviética, as condições de vida em Cuba, que já eram espartanas, se tornaram ainda mais difíceis. Os subsídios provenientes de Moscovo, que mantinham um certo nível de prosperidade, secaram. A economia cubana, em que 80% do comércio externo tinha como parceiro o Bloco de Leste, ruiu como um castelo de cartas. As famílias vivem na penúria. O PIB sofreu uma quebra de 35% e o aprovisionamento de electricidade é manifestamente insuficiente. Em 1992, para enfrentar uma redução brutal das exportações e das importações, Fidel decreta o início do «período especial em tempo de paz», oficializando a era das privações e lançando a era do turismo internacional de massa.



Até ao ponto de viragem dos anos 1990, nunca me interroguei muito sobre o funcionamento do sistema. Tal é o defeito dos militares... Como bom soldado, dava o meu melhor para cumprir a missão que me fora atribuída e isso bastava-me para ser feliz. De resto, as minhas qualificações eram irrepreensíveis. Cinturão negro de judo, cinturão negro de *karaté*, cinturão negro de combate corpo a corpo, era igualmente um dos melhores atiradores de elite de Cuba. Em 1992, tinha-me sagrado campeão de tiro de precisão em Cuba, com alvos fixos ou móveis a 25 m, numa competição organizada durante dois dias pelo Ministério do Interior. Obteve até o título honorífico de perito, que foi atribuído pela primeira vez. Em paralelo, tinha tirado um mestrado em Direito e vencido todos os níveis da hierarquia até à patente de tenente-coronel. Tinha cada vez mais responsabilidades, como, por exemplo, organizar o dispositivo de segurança aquando das deslocações internacionais do chefe de Estado. O próprio Fidel estava satisfeito comigo. Por mais de uma vez, em viagens ao estrangeiro, o ouvi dizer à saída do avião: «Ah, tenho aqui o Sánchez! Por isso, tudo está em ordem...» Profissionalmente, podia considerar-me bem-sucedido.

E socialmente, também: em Cuba, não existe, por assim dizer, trabalho mais prestigiado ou mais invejável do que consagrar a vida à protecção física do Líder Máximo.

Todavia, naquela época, começaram a aparecer brechas na fachada das minhas convicções. Será de referir que, na memória colectiva dos cubanos, o ano de 1989 não ficou tão marcado pela queda do Muro de Berlim como pelo «caso Ochoa». Esta espécie de «caso Dreyfus do casticismo» ficará para sempre como uma mancha indelével na história da Revolução Cubana. No desfecho de um processo estalinista televisiado, que permanece bem vívido na memória de todos, Arnaldo Ochoa, herói da nação e o general mais respeitado da ilha, foi condenado por tráfico de droga e fuzilado, para servir de exemplo, juntamente com três outros membros da mais alta hierarquia militar. Ora, pertencendo ao círculo íntimo do poder, eu encontrava-me bem posicionado para saber que o referido tráfico, destinado a financiar a Revolução, fora organizado com o aval do Comandante, que estava directamente envolvido no «caso». Para melhor se encobrir, Fidel Castro não hesitara em sacrificar o mais valoroso e mais fiel dos seus generais, Arnaldo Ochoa, herói da baía dos Porcos, da revolução sandinista na Nicarágua e da guerra em Angola contra a África do Sul.

Compreendi um pouco mais tarde que Fidel utilizava as pessoas enquanto lhe eram úteis e que depois as desprezava sem o menor remorso.

Em 1994, um pouco desencantado com tudo o que vira, ouvira e vivera, quis reformar-me. Apenas isso: reformar-me, simplesmente, dois anos mais cedo do que o previsto, retirar-me tranquilamente – permanecendo fiel ao juramento de manter secretas todas as informações às quais tivera acesso ao longo dos dezassete anos passados na intimidade do Líder Máximo. Por este crime de lesa-majestade – ter ousado renunciar a servir o Comandante da Revolução –, fui atirado para a prisão como um cão, encerrado numa cela infestada de baratas. Fui torturado. Tentaram até eliminar-me. Cheguei a pensar que ali deixaria a minha pele. Mas sou duro de roer. Enquanto estive preso, de 1994 a 1996, jurei a mim próprio que no dia em que conseguisse fugir de

Cuba (o que aconteceu em 2008, após dez tentativas falhadas), publicaria um livro para contar o que sabia, o que vi, o que ouvi. Para dar a conhecer o «verdadeiro» Fidel Castro, como ainda ninguém pôde ou ousou fazer. Para contar a história vista por dentro.